

Brasil, meu avozinho

(O abasileiramento português)

Arnaldo Saraiva

Quem havia de dizer: quando alguns previam o definitivo afastamento português do Brasil, por terem findado ou quase as seculares vagas migratórias e em face das exigências e seduções da nova União Europeia, eis que assistimos em Portugal a um geral abasileiramento, que ninguém preveria há duas ou três décadas.

Esse abasileiramento pode ter várias justificações, a começar pelas da história e da língua comum, mas deve-se fundamentalmente ao facto de há mais de 25 anos entrarem diariamente nas casas portuguesas telenovelas brasileiras, que, mesmo se “globalizadas”, familiarizaram os portugueses com gentes, costumes, paisagens e também sotaques e gírias brasileiras, que até as criancinhas imitam; e deve-se a circunstâncias políticas e económicas que determinaram o fluxo de turistas e de empresários portugueses para o Brasil, que as mesmas telenovelas idealizaram, e do fluxo de emigrantes brasileiros para Portugal.

Por sinal, estes dois fenómenos aconteceram exactamente quando deixou de haver emigração relevante de portugueses para o Brasil. Muito intenso até em tempos bem posteriores à independência de 1822, como nos finais do séc. XIX e na segunda década do séc. XX, o movimento migratório de Portugal para o Brasil já dava sinais de abrandamento quando a independência

das colónias africanas lhe impôs novo alento (e nova imagem). Mas desde a década de 80 que começou a notar-se a escassez de portugueses lá onde nunca tinham faltado no Brasil – por exemplo, na própria direcção de instituições ou clubes portugueses, que até já têm dificuldade em encontrar luso-descendentes, e em determinados estabelecimentos públicos, das padarias aos botequins. O Rio de Janeiro que era há meio século “a segunda cidade portuguesa” tinha há pouco apenas 122832 portugueses¹, incluindo certamente alguns brasileiros que são filhos e netos de portugueses e não querem perder as vantagens da dupla nacionalidade.

Como que em compensação, nunca como hoje se tornou tão perceptível no Brasil a movimentação de grandes empresários portugueses – Sonae, Portugal Telecom, EDP, Amorim, Pestana... -, que fez de Portugal o terceiro investidor estrangeiro no Brasil (depois da Espanha e dos Estados Unidos), e, o que é ainda mais surpreendente, a movimentação de milhares e milhares de turistas portugueses. Estes já não procuram apenas as grandes cidades, demorando-se em praias da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Nem o famoso crime de Fortaleza reduziu os voos para a capital cearense, onde em 2004 aterraram mais de 60 mil portugueses. Mas os agentes

¹ Dados obtidos pelo Sistema Nacional de Cadastramento e Registo, e divulgados pelo *Diário de Notícias* de 7 de Setembro de 2004.

de viagem já começaram a privilegiar também outros destinos, como Santa Catarina, e antevê-se a criação de novas “ilhas” flutuantes de portugueses no Brasil.

Talvez alguns desconfiem da regularidade futura de tais ondas turísticas; mas ninguém poderá negar a importância para tantos portugueses do contacto directo com o Brasil real, já não televisivo, onde podem encontrar imprevistas afinidades e estimulantes novidades. O mesmo se dirá dos muitos brasileiros que chegam a Portugal sem saber quase nada deste país, de que quase não falam os media (“a mídia”) do Brasil, ou apenas com a vaga ideia do “avozinho” colonizador, se não com o preconceito, favorecido nas escolas, do “inimigo” explorador - e que de repente descobrem que é português de origem o que julgavam ser tipicamente brasileiro, e que não só na língua mas também no modo de ser e estar o brasileiro se parece muito mais com o português do que com o italiano, o espanhol ou o alemão (já se não diz o turco ou o japonês) da sua paróquia.

A presença de brasileiros em Portugal é agora evidente não só nos campos de futebol² ou em lojas comerciais, em restaurantes, e na construção civil³, mas também em instituições desportivas ou clubes de vários tipos (desde os que se dedicam a artes marciais aos que promovem a capoeira), em empresas de comunicação e de publicidade, em grupos teatrais e musicais, e até – hélas... - em templos como os da Igreja Universal do Reino de Deus, em “tendas” de astrólogos ou de lançadoras de búzios, e em casas de alterne⁴; e não faltam rádios como a Rádio Cidade, que desde os anos 80 se apoiou em locutores e animadores brasileiros, jornais como o *Correio do Brasil*, que começou a publicar-se em Fevereiro de 2004, televisões como a GNT, que entra nas casas portuguesas desde Abril de 1998, para dar notícias do Brasil ou para apoiar a circulação de produtos brasileiros, culturais ou não; mas em Portugal vários editores publicam livros de autores brasileiros, que também chegam em edições feitas no Brasil, várias rádios transmitem diariamente quase tanta música popular brasileira como portuguesa, vários canais televisivos ocupam – desde há décadas – horários nobres com (tele)novelas brasileiras, e a imprensa

portuguesa, ao contrário da brasileira, fala frequentemente do Brasil, das suas paisagens e das suas gentes, e promove os escritores e os artistas brasileiros que vêm actuar em Portugal, por vezes até com mais generosidade do que a que usam com artistas portugueses⁵.

Desde que existe, o Brasil foi sempre uma terra de atracção para emigrantes - portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, italianos, alemães, sírios, libaneses, japoneses, coreanos... Com a ditadura militar iniciada em 1964, que ameaçava ou perseguia adversários políticos até à tortura e à morte - o que tem sido mais ou menos branqueado, ao contrário do que a Argentina fez em relação aos militares da sua ditadura - , iniciou-se uma diáspora brasileira, que nos finais do sec. XX ganharia grandes dimensões por causa da miséria, da violência e do desemprego crescentes num país tão extenso e tão rico, mas também tão pródigo em governantes, juizes e polícias corruptos, que contam aliás com a cumplicidade de elites. Hoje há mais de 3 milhões de brasileiros a viver fora do seu país. Desses 3 milhões mais de 100 mil fixaram-se em Portugal, país que preferiram não só por causa da língua e dos laços históricos, mas nalguns casos também pelas facilidades de circulação na Europa, e não só⁶. E mau grado alguns acidentes como os dos dentistas, e algumas discriminações individualizadas, como as que em qualquer país sempre enfrentam alguns emigrantes, pode dizer-se que os brasileiros têm sido bem acolhidos em Portugal, onde mesmo quando se desconfia da sua “leveza” é geralmente apreciada a sua extroversão, a sua alegria de viver, a sua simplicidade no trato, o seu jeitinho, o seu hábil e paciente pragmatismo, a sua criatividade e até, tratando-se de mulher, a sua descontração ou o seu “dengue”. Um analista político-social, João Miguel Tavares, pôde escrever no *Diário de Notícias* de 13 de Abril de 2004: “Eles são excelentes na música. Óptimos no futebol. Criativos na publicidade. Simpáticos nos restaurantes.../Os brasileiros são bons em quase tudo e queixam-se quase nada”. Por tudo o que ficou dito, não admira que Portugal se tenha abrasileirado, como não se abrasileirara no século XVIII, quando, como disse Oliveira Martins, “brasileiros eram na máxima

² De acordo com o *Público* de 22 de Agosto de 2004, só os 36 clubes da Superliga e da Liga de Honra tinham inscritos 177 jogadores brasileiros no início da época 2004-2005.

³ O *Correio do Brasil* de 15 de Julho de 2004 informava que, segundo um estudo realizado pela Casa do Brasil de Lisboa, a ocupação profissional maioritária dos emigrantes brasileiros era o “comércio e restauração (42,6%), seguida do sector operário (32%), no qual a construção civil se destaca com 27,8%”.

⁴ As autoridades brasileiras, e não só as portuguesas, que têm detido cidadãs brasileiras ilegalmente contratadas por casas de alterne ou por “estabelecimentos de diversão nocturna” (de Bragança, Felgueiras, Penafiel, Fundão, etc.), deveriam trabalhar mais para impedir que máfias ou mafiosos explorem, às vezes como escravas, jovens brasileiras que em Portugal, como aliás noutros países europeus e não só, se vêem obrigadas a prostituir-se.

⁵ Num mesmo dia, 30 de Junho de 2003, um jornal de referência como o *Público* pode, em distintas páginas, publicar uma larga notícia sobre Caetano Veloso, uma entrevista com Djavan, e uma crítica a Milton Nascimento.

⁶ Os números são aproximados, até porque há muitos brasileiros (diz-se que um terço da totalidade) a viver em situação ilegal, como cerca de 3 mil portugueses que vivem no Brasil, e nem sempre são fáceis as legalizações. De qualquer modo a situação melhorou muito desde 1999, quando só estavam legalizados menos de 21 mil brasileiros; e hoje, graças a estudos como “A Segunda vaga de Imigração Brasileira para Portugal”, realizado pelo Observatório de Imigração, organismo do ACIME (Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas), sabe-se muito mais sobre a qualidade dos brasileiros que trabalham em Portugal: 60% com idade inferior a 31 anos; 51% solteiros ou divorciados; 80% originários do Sudeste ou adjacências: Minas Gerais (31%), Espírito Santo (13,3%), S. Paulo (12,8%), Paraná (12%) e Goiás (9,8%).

parte os sábios e literatos portugueses de então”⁷, ou na segunda metade do século XIX, quando no Norte campeava o “brasileiro”, de torna-viagem ou não. O abrasileiramento actual não se notará, como nessa altura, na exterioridade das casas, ou na cor da pele, dado que até a comum mestiçagem brasileira pode confundir-se com a de africanos dos PALOP, que hoje também abundam em cidades portuguesas; nem se reduz a um consumo restrito, que em 1931 um poeta brasileiro resumia assim: “Portugal, em riqueza pletórica, / Dá-nos peras, maçãs, gramática e retórica, / E nós damos em troca às gentes lusitanas / O que temos a dar: mulatas e bananas...”⁸; mas pode medir-se logo na língua quotidiana, onde entraram ou já se popularizaram brasileirismos de vários tipos - lexicais, semânticos, sintácticos, sintagmáticos como *bagunça*, *desbunda*, *cafejeste*, *capanga*, *besteira*, *caçula*, *gandula*, *cadê*, *colunismo*, *biruta*, *mixxurruca*, *xará*, *curtir*, *galera*, *numa boa*, *de saco cheio*, *o fim da picada*, *show de bola*...; a influência brasileira até já vem determinando a censura da palavra *bicha*, ou a sua frequente substituição por *fila*, e a prática comum de erros que se tornaram norma no Brasil: *há anos atrás*, *o livro que eu gosto*... Mas o abrasileiramento vê-se também em preferências artísticas, especialmente musicais, em gostos culinários, em festejos carnavalescos, em estilos futebolísticos, em práticas religiosas ou supersticiosas, em usos como os das fitas baianas, em adornos e em decorações caseiras ou comerciais, e em convites a especialistas, artistas, actores... Alberto da Costa e Silva, num texto admiravelmente pensado e escrito sobre matéria que conhece como poucos, as relações entre Portugal e Brasil, perguntava, lembrado certamente das “tournée” que ao longo de décadas as companhias teatrais portuguesas faziam pelo Brasil: “Mas qual a companhia brasileira de teatro que está em temporada em Portugal?” E ele mesmo respondia: “Quase com certeza, nenhuma, como nenhuma portuguesa no Brasil”⁹. A verdade é que nos últimos anos inúmeras companhias brasileiras ou actores delas estiveram em Portugal por ocasião do FITEI (Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica) ou noutras

oportunidades; de Paulo Autran a Regina Duarte, de Miguel Falabella a Fernanda Torres, de Lima Duarte a Cláudia Raia, de Jô Soares a Eva Wilma, raros serão os grandes actores brasileiros que não representaram em palcos portugueses, e que não são familiares aos portugueses que os acompanham há anos e anos em (tele)novelas, e que até os convidam para anúncios, para festas e para desfiles carnavalescos.

Haverá certamente quem veja com maus olhos este abrasileiramento, e não se conforme com a hipótese de ver uma antiga colónia a “colonizar” Portugal, ou de ver Portugal a integrar o “império colonial” brasileiro, ironicamente referido numa canção de Chico Buarque e Ruy Guerra. Mas não é de crer que se corra tal perigo; a influência não se dá necessariamente só com subserviência ou com falta de espírito crítico; e da influência brasileira em Portugal, que nunca foi tanta mas não é nova, resultarão sem dúvida mais benefícios do que os que nos vêm da influência norte-americana, que não parece causar tanto incómodo aos que receiam o nosso abrasileiramento. Portugal não perdeu a sua identidade, e até a reforçou porque a enriqueceu, com a italianização do século XVI, a espanholização do século XVII, o afrancesamento dos séculos XVIII e XIX. Por que razão iria correr perigo com o abrasileiramento actual se esse abrasileiramento pode até ser em boa parte o efeito de bumerangue da acção colonizadora portuguesa? Com o Brasil actual pode Portugal aprender alguma coisa que é coerente ou consequente com o que ensinou e tinha esquecido ou desprezado – por exemplo, o gosto da aventura, o trabalho da imaginação, a arte de viver em circunstâncias excepcionalmente precárias.

A própria língua pode servir de exemplo elucidativo: foram os brasileiros que nos levaram a repor em circulação a forma arcaica *estória*; foram eles que nos fizeram redescobrir o verbo *saçaricar*; foram eles que nos estimularam a repetir a graciosa expressão *tirar o cavalinho da chuva*. Os brasileiros - mesmo os do Brasil que o português não criou mas que quando vêm a Portugal podem sentir-se em casa, como acontecia com o escritor filho de polacos (ou... poloneses)

⁷ *O Brasil e as Colónias Portuguesas*, Lisboa, Bertrand, 1881, p. 101.

⁸ Barão d'Assurra, *Nova Maneira de Falar*, Rio de Janeiro, 1931, p. 15.

⁹ *O Pardal na Janela*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, p. 224.

Samuel Rawet, e com o geógrafo Hilgard O' Reilly, "brasileiro sem uma gota de sangue português"¹⁰ – serão sempre a prova viva no planeta, por onde já se dispersam como outrora os portugueses, da acção civilizadora de Portugal; os brasileiros já hoje garantem bem mais do que os portugueses a promoção e o prestígio internacional da língua portuguesa. Tendo em conta uma média dos últimos meses, três crianças brasileiras nascem por dia em Portugal; cerca de mil crianças brasileiras estão integrando anualmente a população de um país onde trabalham os seus pais. Não são só essas crianças que poderão evocar os seus avós brasileiros; como também lembrava Alberto da Costa e Silva, brasileiros e portugueses são "povos que reconhecem a mesma ascendência, que reivindicam os mesmos tetravós"¹¹ – ou os mesmos

avós, estejam eles "lá" ou "cá". Isso faz-nos pensar numa metáfora parental de que muitos brasileiros gostam, a metáfora cunhada por Manuel Bandeira num poema em que elogiava Portugal por ter sabido "temperar" no Brasil o "gosto misturado" de gente de 3 continentes, e por ter "ensinado" o Brasil a cultivar os afectos (a saudade, o carinho, a ternura) que devem comandar o bom convívio humano. Mas a metáfora parental também se justifica ao invés. Se, quase 200 anos depois da independência do Brasil, não deixou de fazer sentido que um brasileiro diga "Portugal, meu avozinho", também faz sentido que, perante a herança brasileira afinal já secular e num Portugal rejuvenescido em parte com a ajuda dela, um português possa dizer: "Brasil, meu avozinho". E não será "piada de português".

¹⁰ *Id.*, p. 202.

¹¹ *Id.*, pp. 223-224.